

Educação e Cultura

O tema deste número da revista eletrônica *ponto-e-vírgula* foi oportunamente sugerido pelo saudoso Professor Dr. Paulo Resende que também nos confiou sua organização. Pareceu-lhe que nossa formação como antropólogas e experiência com a educação no nosso início de carreira no CBPE e CRPE nos credenciava para a discussão de questões de educação relacionadas a uma temática antropológica tão cara como polêmica quanto é a da cultura.

Consideramos a proposta oportuna por diversas razões: Educação e Cultura são temas profundamente entrelaçados, que permaneceram durante muito tempo quase ausentes dos interesses acadêmicos no campo da antropologia, salvo como temas de abordagens etnográficas e etnológicas (Educação Indígena, por exemplo). A proposta temática da Revista evidencia uma salutar retomada, abrindo um espaço de visibilidade e de apresentação de temas e preocupações contemporâneas.

Claro está que não podemos esquecer o papel desempenhado pelas Ciências Sociais no que tange aos debates sobre educação, na primeira metade do século passado; a criação dos Centros de Pesquisas Educacionais, a dois dos quais nos referimos antes (e que sobreviveram até às sexta ou sétima décadas do século XX) com suas duas áreas de pesquisas – Sociológicas e Pedagógicas, vale dizer das Ciências Sociais e da Educação – são uma evidência desse envolvimento. Pode-se dizer que nas primeiras décadas do século passado, a Educação foi tomada pelos estudiosos a partir de vários ângulos sucessivos ou concomitantes: como alavanca da inserção da população recém saída da escravidão; como ação “civilizadora”; como ação modernizante; como mecanismo de ascensão social; como mecanismo de construção de uma identidade nacional. Estes foram alguns dos temas candentes que se constituíram igualmente em depositários das esperanças, especialmente republicanas, centradas na “educação”. Outro tema de importância nos anos 30 e 40, foi a luta pela Escola Nova e seu princípio universalista e igualitário. É evidente que “educação” nestes debates e movimentos se referia à “educação escolar” ao ensino fundamental e o sistema escolar carregava ideologias dominantes visões reformadoras e expectativas democráticas.

Apesar das inúmeras mudanças e das inegáveis frustrações, o sistema educacional no Brasil continua carregando estas marcas de origem sobretudo o papel salvacionista, se podemos chamar assim, da Escola. Nestes debates, a relação entre Educação e Cultura era posta de maneira inequívoca, sendo a educação colocada como o polo alavancador da cultura: a educação formal, escolar, deveria ser capaz de conformar uma verdadeira cultura nacional.

A educação *lato senso* – a chamada “informal” – pareceu mobilizar menos os estudiosos e a própria ideologia “salvacionista”, talvez tenha sido em boa medida a responsável pelo desinteresse. De fato, a “educação informal” deveria ser complementada, quando não, substituída. Nessa perspectiva, Educação se identificava com “Cultura”, tomada no sentido estrito de “refinamento”, conhecimento especializado e diferenciador (Fulano é muito culto, fala muitas línguas! Beltrano é cultíssimo, entende de artes!). Falar em Cultura Popular parecia contraditório ou exotismo antropológico. A relação entre cultura e educação, cultura e aprendizagem, cultura e personalidade (social ou nacional) foi, entretanto, tema da Antropologia clássica, especialmente no chamado “Culturalismo Norte Americano” do qual a Antropologia brasileira foi devedora. Nessa linha são notáveis os trabalhos de Margareth Mead que estabelece firme relação entre o universo cultural e o aprendizado socializador, formal e informal. Muitos outros pesquisadores poderiam ser lembrados nessa mesma linha, mas seria desnecessário neste contexto. O importante é marcar que, da ótica antropológica, a produção cultural é universal, cultura se faz no contexto sócio-histórico, cultura se aprende. As culturas mudam e o papel da aprendizagem, seja na permanência seja na mudança, é essencial. Sem querer nos alongar sobre estas questões, podemos lembrar o papel que a educação formal cumpriu e cumpre nos Estados que se querem firmar como tais e criar um sentido de pertença e de adesão; de criação de “novas mentalidades”. Seguramente, ditaduras não teriam sobrevivido por tempo longo só com a força das armas e da intimidação; a identificação com as ideias das lideranças é poderosa. A dominação dos povos africanos (para falar destes) em seu próprio continente teve como uma arma poderosa a desqualificação das suas culturas, do seu conhecimento, das suas línguas, das suas Histórias, dos seus acervos biológicos. O mesmo aconteceu em relação à nossa colonização e os povos indígenas aqui encontrados e com os milhões de africanos para

cá trazidos ao longo de 300 anos. A nossa formação, enquanto povo, carrega marcas profundas de um processo de aniquilamento físico e cultural indígena e de uma desafricanização generalizada dos que nos chegaram da África, processo no qual a Educação, sob diferentes formas e pelas mãos de diferentes agentes, cumpriu e continua cumprindo um papel fundamental.

Assim, pode-se dizer que a educação não é apenas “uma tarefa”, é uma arma a favor das liberdades ou contra essas mesmas liberdades. Educação também não é assunto escolar ou profissional apenas, Educação é a alma da cultura: permite a continuidade e a mudança do amplo acervo cultural de uma população.

No início desta breve apresentação, dissemos que a proposta temática deste número da revista *ponto-e-vírgula* era oportuna entre outras razões por abrir um espaço de visibilidade para os temas e preocupações que hoje se colocam para as Ciências Sociais. De fato, recebemos artigos suficientes para garantir dois números da revista e que cobrem um amplo leque de questões – novas e renovadas – evidenciando a fertilidade e variedade das reflexões que, dentro e fora do campo das Ciências Sociais, articulam Educação e Cultura.

Josildeth Gomes Consorte*

Maria Helena Villas Boas Concone**

(*) Titular do Departamento de Antropologia da PUCSP, pesquisadora e orientadora no PEPGCS da UCSP; Bacharel em Geografia e História pela Universidade da Bahia, Licenciada pela Universidade do Brasil, Pós Graduação na Universidade de Columbia, N.Y. Doutorado em Ciências Humanas pela PUCSP. E-mail: josi.consorte@hotmail.com

(**) Titular do Departamento de Antropologia da PUCSP, pesquisadora e orientadora no PEPGCS e no PEPGG ambos da PUCSP; Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela USP, especialização em Antropologia e Pós Graduação pela USP. Doutorado em Antropologia pela PUCSP. E-mail: trconcone@yahoo.com.br

Ambas iniciaram a vida profissional respectivamente no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (Rio) e no Centro Regional de Pesquisas Educacionais (SP), órgãos ligados ao INEP.